

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA**

**REFLEXÕES DE UM LICENCIANDO EM MÚSICA DO PROGRAMA RESIDÊNCIA
PEDAGÓGICA: Um relato de experiência em tempos de pandemia**

SAULO BENTES SARAIVA

**Porto Alegre
2022**

SAULO BENTES SARAIVA

**REFLEXÕES DE UM LICENCIANDO EM MÚSICA DO PROGRAMA RESIDÊNCIA
PEDAGÓGICA: Um relato de experiência em tempos de pandemia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciado em Música.

Orientador: Prof. Dr. André de Cillo Rodrigues

Porto Alegre

2022

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo principal estabelecer reflexões a respeito das experiências do autor durante sua atuação no Programa de Residência Pedagógica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sendo esse, um programa de formação de professores da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES). A Residência Pedagógica (RP) é um programa do ministério da educação que visa a formação de estudantes matriculados em Licenciaturas com o objetivo de prepará-los para a docência, estimulando sua prática no campo da educação básica. As ações previstas pelo programa foram impactadas pela pandemia global da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) Covid-19, o que se refletiu no processo de ensino-aprendizagem tanto do ponto de vista dos professores quanto dos estudantes. É possível dizer que o contexto de emergência sanitária implicou no acréscimo de complexidade nas tarefas de ensino, demandando modificações significativas em relação à atuação e postura de docentes e alunos. Diante dessa realidade, este relato de experiência de cunho exploratório-descritivo busca refletir sobre a atuação como residente pedagógico/licenciando em música e inter-relacionar duas experiências vividas, uma na modalidade online e outra na modalidade híbrida (online e presencial simultaneamente). O relato abordou reflexões originadas nessas aulas como a presença da interdisciplinaridade, a relação com a Educação Musical, o domínio das tecnologias e a relação entre professor/aluno dentro do ensino remoto.

Palavras-chave: Residência Pedagógica, Pandemia, Relato de Experiência, Educação Musical.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Experiência com aulas remotas	12
Figura 2: Etapas do relato	18
Figura 3: Banner da XVIII Mostra Cultural Colégio Piratini	26

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior
CNTE	Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação
ESPII	Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional
ERE	Ensino Remoto Emergencial
GESTRAD	Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente
O	
IES	Instituições de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
TD	Tecnologias Digitais
OMS	Organização Mundial de Saúde
RE	Relato de experiência
RP	Programa de Residência Pedagógica
SARSCOV	Síndrome Respiratória Aguda Grave
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. ENSINO REMOTO E RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA	10
2: RELATO DE EXPERIÊNCIA	17
2.1 REUNIÕES	19
2.1.1 Reuniões Mensais	20
2.1.2 Interdisciplinaridade	21
2.1.3 Reuniões Semanais	21
2.2 OBSERVAÇÃO	23
2.3 ATUAÇÃO	28
2.3.1.1 Preparo da aula	28
2.3.1.2 Aplicação da aula online	29
2.3.2 Período Híbrido	31
2.3.2.1 Preparo da Aula Híbrida	32
2.3.2.2 Aula Híbrida	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	38
ANEXO I	41
ANEXO II	42

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi marcado pelo surgimento do vírus Sars-cov 2, reconhecido como uma pandemia global pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no mês de janeiro. O novo coronavírus COVID-19 gerou um surto internacional e diante disso foi decretado estado de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização (OPAS, 2020).

A alta taxa de disseminação do vírus levou à implementação de medidas de isolamento social por parte das autoridades políticas, em conformidade com as recomendações da OMS (OPAS, 2020). Além disso, o contexto de emergência sanitária resultou em mudanças significativas em diversos aspectos da vida diária da população brasileira, tanto em vista das mudanças de comportamento impostas pelas medidas de distanciamento e isolamento social, quanto, também, em vista das dificuldades financeiras decorrentes da crise econômica que se seguiu.

Este contexto teve reflexos na atuação e postura de docentes e alunos, implicando no acréscimo de complexidade das tarefas de ensino, além de outras modificações significativas na relação professor-aluno. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep, 2021), aproximadamente 90% das escolas brasileiras deixaram de retornar às atividades presenciais em 2020.

As estratégias mais utilizadas pelas escolas, entre professores e alunos, para dar continuidade ao período letivo foram reuniões virtuais e aulas síncronas por meio da utilização de plataformas virtuais de videoconferência, além da comunicação através de e-mail, telefone, redes sociais e aplicativos de mensagem (INEP, 2021). Neste sentido, a situação que se vivenciava era nova e inesperada e ninguém parecia estar preparado para enfrentar os desafios que a pandemia trouxe (GESTRADO, 2020a).

Assim como ocorreu com a educação no âmbito federal, programas de formação de professores também tiveram que transicionar e adequar as suas atividades para um modelo virtual de educação à distância. Dentro desses programas está o Programa de Residência Pedagógica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), objeto do relato de experiência apresentado neste trabalho, o qual tem por base a formação e aperfeiçoamento da prática dos estudantes

das Licenciaturas que já cursaram mais da metade dos seus cursos, integrando-os à vivência do ensino (CAPES, 2019).

Com o intuito de aprofundar a compreensão sobre a formação de futuros docentes promovidos pela Residência Pedagógica, especialmente no atual cenário, esta pesquisa foi norteada pela seguinte questão: de que modo a educação musical – área do curso de Licenciatura em Música – se contextualiza na experiência do autor?

Desta forma, este trabalho tem por objetivo estabelecer reflexões a respeito das experiências do autor durante sua atuação como licenciando em música no programa de residência pedagógica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS em tempos de pandemia. Através do relato de experiência, foi possível registrar parte dessas vivências, que ocorreram no Colégio Estadual Piratini em Porto Alegre/RS no Ensino Médio regular, em turmas de 1º e 2º ano, no período entre outubro de 2020 e março de 2022.

Ao descrever o desempenho pessoal na atuação docente, é possível investigar os desafios que existiram no manuseio de programas e aplicativos, na preparação das atividades e na apresentação destas em sala de aula virtual no contexto da educação musical. Também é possível refletir a respeito das dúvidas e questionamentos existentes em momento de atuação a respeito da percepção, motivação, interesse e participação dos alunos em resposta ao assunto explorado; sobre desafios de conexão com a internet entre outras questões.

Assim, este trabalho se divide em duas seções. Na primeira seção, apresenta-se o estado da arte sobre a Residência Pedagógica, educação básica, pandemia e ensino remoto. A segunda seção expõe a construção do relato de experiência com a especificação de cada etapa de pesquisa. A primeira etapa corresponde ao relato das reuniões mensais com a coordenação da RP, bem como as reuniões semanais com a professora preceptora, além da análise da Base Nacional Curricular Comum – BNCC (2017) no âmbito das artes, das trocas de experiências vividas nas escolas pelos residentes. A etapa 2 contém o relato das observações realizadas a respeito das aulas ministradas pela professora encarregada das turmas, bem como das aulas ministradas pelos demais colegas residentes. Por fim, a etapa 3 consistiu na etapa de atuação, com o relato das aulas. Realizou-se uma descrição de duas aulas em formatos diferentes, uma em formato totalmente online e outra em formato híbrido,

isto é, em que parte dos alunos e os residentes participaram de forma online e outra parte dos alunos e a professora participaram de forma presencial.

1. ENSINO REMOTO E RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

No período da pandemia, muitos professores tiveram que se deparar com dificuldades de adaptação decorrentes da transição entre os modelos e estratégias das aulas presenciais, com os quais estavam acostumados, para modelos e estratégias pertinentes ao ensino à distância (LARA, 2020; OGIBOWSKI; MATEIRO, 2021; OLIVEIRA; PEREIRA JÚNIOR, 2020).

Em pouco tempo, as aulas na educação básica em todo o país teriam de retornar para minimizar os impactos da pandemia na educação, e a solução oferecida pelo MEC como alternativa foi o modo de Ensino Remoto (ER).

Nas universidades federais também ocorreu uma transição para o modelo de ensino remoto. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, por exemplo, a resolução nº 025/2020 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) estabeleceu a regulamentação, permitindo a realização das aulas mediadas pelas plataformas virtuais de ensino e aprendizagem como o Moodle Acadêmico e via web chamadas de vídeo.

A partir daquele momento, todas as aulas passariam a ser remotas e, ao invés de salas próprias para o ensino, os espaços de aula se tornariam as casas de cada aluno e professor, imersos em uma sala de aula digital, criada a partir do uso de plataformas de videoconferência. Praticamente todas as pessoas e instituições tiveram que passar por adaptações, tanto espaciais quanto tecnológicas. Sobre isso, Jardimino et al. (2022, p.101) afirmam que:

Nesse contexto, as novas tecnologias ligadas às mídias de comunicação, à internet e aos espaços virtuais, antes tidos apenas como instrumentos da cultura social/comunicacional, passam agora a elemento central de aprendizagem e da socialização de professores, alunos e suas famílias.

Isso se refere também à Educação Musical. Para Barros (2020), o ensino remoto emergencial de música torna-se ainda mais desafiador, principalmente em relação aos assuntos referentes ao ensino da música e suas peculiaridades, como também concorda Beineke (2021):

O ensino não presencial na educação musical apresentou novos desafios também à produção de materiais pedagógicos voltados ao ensino e à aprendizagem musical, sendo necessário repensar metodologias e criar novas estratégias e abordagens de ensino (BEINEKE, 2021, p. 5).

Barros (2020) sugere ser de extrema importância que os educadores musicais passem por mudanças no que diz respeito aos conceitos trazidos pela cultura digital para que possam, de alguma forma, solucionar os problemas embutidos nestes desafios. Uma hipótese é a de que estes desafios se refiram à ausência de familiaridade docente com a cultura digital (RODRIGUES; CUERVO, 2021), bem como limitações materiais e humanas também sob o ponto de vista do corpo discente, conforme discorrem Cuervo e Santiago (2020): “[...] dispositivos pessoais por vezes obsoletos ou modelos aquém das demandas, irregularidade das conexões de internet e espaço improvisado no ambiente residencial” (CUERVO; SANTIAGO, 2020, p. 371).

A pesquisa de Rocha et al (2020) abordou a forma como estavam sendo utilizadas as tecnologias digitais (TD) nos processos de ensino brasileiro. As dificuldades encontradas estavam relacionadas com a falta de acesso às TDs dos estudantes e algumas limitações dos docentes no uso da tecnologia para o processo de ensino. Nessa mesma linha de pensamento, Oliveira e Souza (2020) comentam:

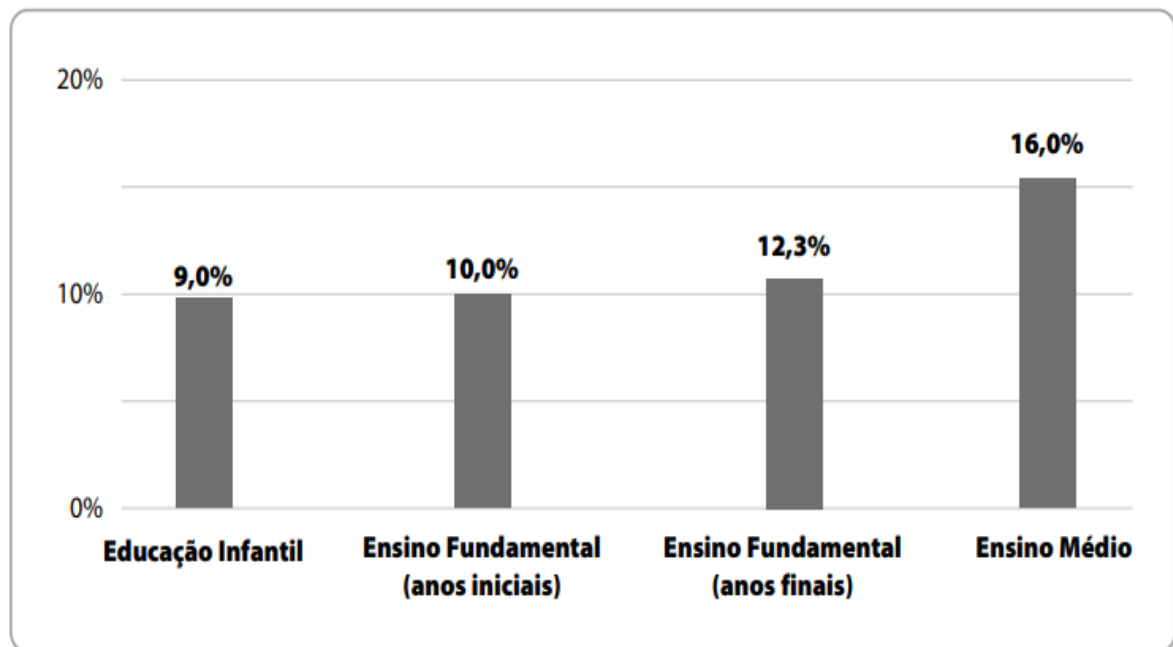
Percebe-se que a tecnologia pode ser uma grande aliada para atenuar o impacto da pandemia na área educacional. Porém, todas as possíveis estratégias devem ser pensadas e refletidas sob diferentes perspectivas, considerando, ao máximo, todos os pros e os contras existentes para que a possível solução não implique em prejuízos à aprendizagem dos estudantes que porventura não sejam contemplados pelas políticas públicas em função das distorções nas realidades sociais vivenciadas pela população brasileira (OLIVEIRA; SOUZA, 2020, p. 1).

Além disso, Dias Caetano (2015, p. 307) afirma que, nos dias de hoje, “a tecnologia coloca a sala de aula nos mais variados ambientes virtuais e possibilita que a ‘escola’ possa assumir novas formas e novos espaços”.

O Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (GESTRADO/UFMG) em parceria da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) realizou uma pesquisa com o título Trabalho Docente em Tempos de Pandemia (GESTRADO, 2020a) com 15.654 professores (as) das redes públicas da Educação Básica do Brasil. O trabalho tinha por objetivo conhecer os efeitos do isolamento social na pandemia sobre o trabalho do professor na Educação Básica, além de traçar um panorama de como atividades estão sendo desenvolvidas pelos docentes e em que condições (GESTRADO, 2020a).

A figura 1 apresenta os dados referentes à experiência com as aulas remotas. Apenas 9%, dos pesquisados na educação infantil, possuíam experiência em ministrar aulas não presenciais. Nos primeiros anos do ensino fundamental cerca de 10% dos professores tinham experiência com essas aulas; nos anos finais do ensino fundamental eram 12,3%; e, no caso dos professores do ensino médio, 16%, o que evidencia o caráter inovador trazido pela realização das aulas remotas.

Figura 1: Experiência com aulas remotas



Fonte: GESTRADO, 2020, p. 9.

Quando perguntado sobre o tempo de trabalho na preparação das aulas a distância em comparação com aulas presenciais, 82,4% dos respondentes disseram que houve aumento da carga horária de trabalho, 12,3% disseram não haver mudanças e 5,3% disseram que houve diminuição (GESTRADO, 2020c). “O descontrole sobre a carga horária de trabalho, a mescla de diferentes canais de comunicação entre os pares e entre os alunos reforçaram momentos de ansiedade e desconforto nos docentes” (OGIBOWSKI; MATEIRO, 2021, p.19).

Mais da metade dos professores entrevistados (53,6%) consideram não ter o preparo para ministrar aulas remotas, ainda que possuam recursos tecnológicos suficientes. Caso houvesse a necessidade de se realizar atividades de ensino à

distância, somente 3 a cada 10 professores(as) da Educação Básica possuíam os recursos tecnológicos e o preparo necessário (GESTRADO, 2020a).

A pesquisa realizada por Ogibowski e Mateiro (2021) aborda os desafios vivenciados por dois professores que atuam em escolas públicas. Para eles, o baixo estímulo ao professor, juntamente com a falta de programas sociais destinados ao maior acesso à internet ou tecnologias digitais por parte dos estudantes e suas famílias, foram os principais desafios evidenciados nesse período na educação básica em 2020.

Vale salientar que esses desafios não ocorreram apenas em termos da escola pública, o trabalho de Gestrado (2020b) “Docência na Educação Básica privada em tempos de pandemia” mostrou que apenas 8,1%, dos pesquisados na educação infantil privada, possuíam experiência em ministrar aulas não presenciais. 8,4% dos professores de ensino fundamental – anos iniciais, 9% do ensino fundamental – anos finais e 21,1% dos professores do ensino médio das escolas privadas. Essa ausência de experiência com aulas se reflete nos resultados no que concerne ao nível de dificuldade em lidar com novas tecnologias.

De acordo com Lara (2020, p. 38):

[...] o que há efetivamente de novo no trabalho em educação, no contexto da crise pandêmica, é a transformação de espaços domésticos em extensões de sala de aula, no contexto de ensino remoto (aulas gravadas ou ao vivo, via internet), sem que o professorado disponha necessariamente nem de equipamentos, nem de ambiências adequadas para a realização de suas funções. Acompanhar a presença e a aprendizagem à distância, orientar as famílias para realizarem atividades com as crianças em casa e planejar atividades para alunos a distância são preocupações recorrentes evidenciadas.

Seguindo esse raciocínio, Jardimino et al. (2022, p.100) afirmam que:

[...] os professores se viram, inesperadamente, envolvidos em um tipo de planejamento e atuação que envolve gravação de vídeos, realização de videoaula, uso de podcast, Facebook, Google Meet, Moodle, Teams, Zoom, WhatsApp etc. O uso desses instrumentos e o planejamento de atividades remotas exigem formação e condições tecnológicas específicas.

Agora, o tempo utilizado para o preparo das aulas dividia espaço com a busca de conhecimento de aplicativos, programas e recursos digitais. Somam-se a isto outras questões estruturais como custo de equipamentos, consumo de energia, utilização de planos de dados para acesso à internet, tudo por conta do professor. Sem esquecer que agora o espaço físico onde este docente ministra suas aulas é o

mesmo espaço onde se executa seus afazeres domésticos, cuidados com os filhos, e outras particularidades que, agora, poderiam ser visíveis aos alunos.

No que se refere à participação dos alunos no formato de aula online, as dificuldades de adaptação com o modelo de ensino à distância também foram sentidas em relação à interação dos estudantes.

A pesquisa de Gestrado (2020c) mostrou os motivos pelos quais, na visão do professor, os alunos tinham menor participação nas atividades propostas. Segundo o pesquisador, 80% dos respondentes atribuíram ao fato de os estudantes não terem acesso à internet e aos demais recursos necessários, 74% disseram que as famílias não conseguiam auxiliar os estudantes para realização das atividades, além dos estudantes não se sentirem motivados (53%).

Existem indícios de que a falta de participação se deve também à falta de domínio de recursos inerentes à cultura digital (RODRIGUES; CUERVO, 2021), à situação de vulnerabilidade de muitas famílias de estudantes (OLIVEIRA; PEREIRA JÚNIOR, 2020) e a limites socioeconômicos (DUARTE; HYPOLITO, 2020).

Nesse sentido Rodrigues e Cuervo (2020), como docentes do Ensino Superior de Música, afirmam que desconsiderar fatores socioeconômicos com a hipótese de haver condições materiais ideais de acesso aos recursos poderá excluir um número expressivo de estudantes de baixa renda e ampliar a desigualdade.

Segundo Oliveira e Souza (2020, p. 1), “embora ainda não seja possível mensurar os reais impactos ocasionados pela pandemia, estes já são sentidos e vistos na sociedade, exigindo adaptação de todos os setores para superar o atual cenário”.

Diante deste panorama, é possível perceber que as diferentes esferas de Ensino, seja da Educação Básica ao Ensino Superior e formação de professores, sofreram impactos negativos em seu processo educativo em função da pandemia e no contexto do Ensino Remoto.

Assim como ocorreu com a educação no âmbito federal, programas de formação de professores como a Residência Pedagógica também tiveram que transicionar e adequar suas atividades para um modelo virtual de educação à distância. O Programa de Residência Pedagógica tem por base a formação e aperfeiçoamento da prática dos estudantes, integrando-os à vivência do ensino (CAPES, 2019), estimulando a articulação entre teoria e prática (CAPES, 2018).

O Programa de Residência Pedagógica (RP) foi instituído pela Portaria Gab nº 38/2018 da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) e,

de acordo com o regulamento estabelecido pela Portaria Gab nº 259/2019 - CAPES, faz parte de uma Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação. Ou seja, é uma ação recente no âmbito de formação de professores no Brasil, por exemplo, em comparação com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que já possui mais de uma década de edições realizadas.

A RP visa aperfeiçoar a prática dos estudantes das licenciaturas, conectando-os à realidade da educação básica (CAPES, 2019) e apoiando as Instituições de Ensino Superior (IES) através da implementação de projetos inovadores (CAPES, 2018). O Artigo 3º da Portaria Gab nº 259/19 afirma que “O RP tem por finalidade promover a experiência de regência em sala de aula aos discentes da segunda metade dos cursos de licenciatura, em escolas públicas de educação básica, acompanhados pelo professor da escola” (CAPES, 2019, p. 1).

Em seguida, o Artigo 5º da referida portaria apresenta os objetivos do Programa de Residência Pedagógica (CAPES, 2019, p. 2).

Art. 5º São objetivos do Programa de Residência Pedagógica:

I - incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica, conduzindo o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente;

II - promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de licenciatura às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC);

III - fortalecer e ampliar a relação entre as Instituições de Ensino Superior (IES) e as escolas públicas de educação básica para a formação inicial de professores da educação básica; e

IV - fortalecer o papel das redes de ensino na formação de futuros professores.

O programa “permite que o graduando experimente o fazer pedagógico, durante sua trajetória de formação” (FREITAS; FREITAS; ALMEIDA, 2020, p. 2) sendo “uma possibilidade de trazer a real complexidade que é o fenômeno educativo [...] de forma a situá-los na realidade de uma escola e no universo educacional” (AMORIM, 2020, p. 55) e a possibilidade de “solidificar a teoria com a prática” (BARCELOS DOS SANTOS et al, 2020, p. 53).

A pesquisa realizada por Freitas, Freitas e Almeida (2020) apontou que o Programa de Residência Pedagógica possibilitou o intercâmbio mútuo de saberes entre as escolas e as universidades trazendo uma formação acadêmica mais próxima às reais demandas do ensino. Amorim (2020, p. 55) ratifica esse entendimento quando

afirma que “a Residência Pedagógica busca evolução e aprimoramento da prática docente, que não pode ficar distanciada da realidade da sociedade atual”. Assim, a Residência Pedagógica possibilita uma formação docente mais complexa, trazendo o envolvimento dentro do espaço da escola e o intercâmbio de conhecimento entre os ambientes (BARCELOS DOS SANTOS et al, 2020). Porém o período pandêmico trouxe uma nova realidade para os residentes e esses tiveram que se adequar ao momento. A pesquisa realizada por Castro et. al. (2021) abordou as percepções de residentes vinculados a Residência Pedagógica com ênfase aos impactos da execução do programa em cenário remoto.

[...] a insuficiente preparação dos atores educacionais para o ensino remoto, bem como carências nas estruturas escolares, intensificou os desafios dos residentes, e que estes mostraram dinamismo e capacidade rápida de adaptação para transpor diversas barreiras. [...] Alguns obstáculos foram intransponíveis pelos residentes, apesar de todos os esforços, como por exemplo as dificuldades dos estudantes da educação básica no acesso às tecnologias digitais e internet, ou frequente desinteresse e pouca participação dos discentes nas aulas síncronas (CASTRO et.al., 2021, p.13).

Diante do panorama exposto, busca-se problematizar o lugar da Educação Musical enquanto uma área de conhecimento que foi profundamente marcada pela ocorrência do Ensino Remoto. Assim, a seguir será delineada a minha trajetória enquanto residente na RP, relatando desafios e avanços vivenciados...

2: RELATO DE EXPERIÊNCIA

A suspensão das aulas presenciais na educação básica, assim como em todo sistema educacional, trouxe mudanças radicais em todo o ensino. Sendo essa, a estratégia adotada para diminuir o contágio decorrente do vírus COVID-19 aliado às normas de isolamento promovidas pelo Ministério da saúde para o enfrentamento da pandemia. De alguma maneira, diversos recursos tecnológicos como, por exemplo, computadores, datashows, dispositivos móveis, internet, já estavam disponíveis no cotidiano das escolas e nas salas de aula. Entretanto, com o advento da pandemia, estes recursos deixaram de ter um papel meramente subsidiário e passaram a compor a base da estrutura de ensino no período de ensino remoto. Além disso, a pandemia demandou uma adaptação relativamente rápida a este novo cenário. Em apenas poucos meses, professores tiveram que aprender novos recursos e manusear plataformas de ensino totalmente digital.

Diante desse contexto, me vi, simultaneamente, em duas posições diferentes nesse formato. Em primeiro lugar, como aluno da Universidade, me adaptando ao ensino musical por meio de telas digitais e salas de videoconferências e, em segundo, como residente pedagógico, tendo que preparar planos de aula e materiais didáticos com o propósito de desenvolvê-los por meios digitais. Assistir e dar aula tendo como espaço uma sala virtual me possibilitou observar a partir dos dois pontos de vista de uma aula, primeiro do sujeito aluno, segundo como professor em formação.

Deste modo, este relato pretende analisar as possibilidades e desafios que este contexto inédito de ensino remoto de música na sala de aula trouxe, gerando reflexões sobre os desafios de cada lado, assim como os avanços e aprendizados obtidos.

Como foi dito na introdução, o relato de experiência consiste em uma descrição minha a respeito de partes da vivência no papel de residente no programa Residência Pedagógica. Assim, meu relato se constrói diante de uma experiência nova, o de dar uma aula de música em pleno contexto digital.

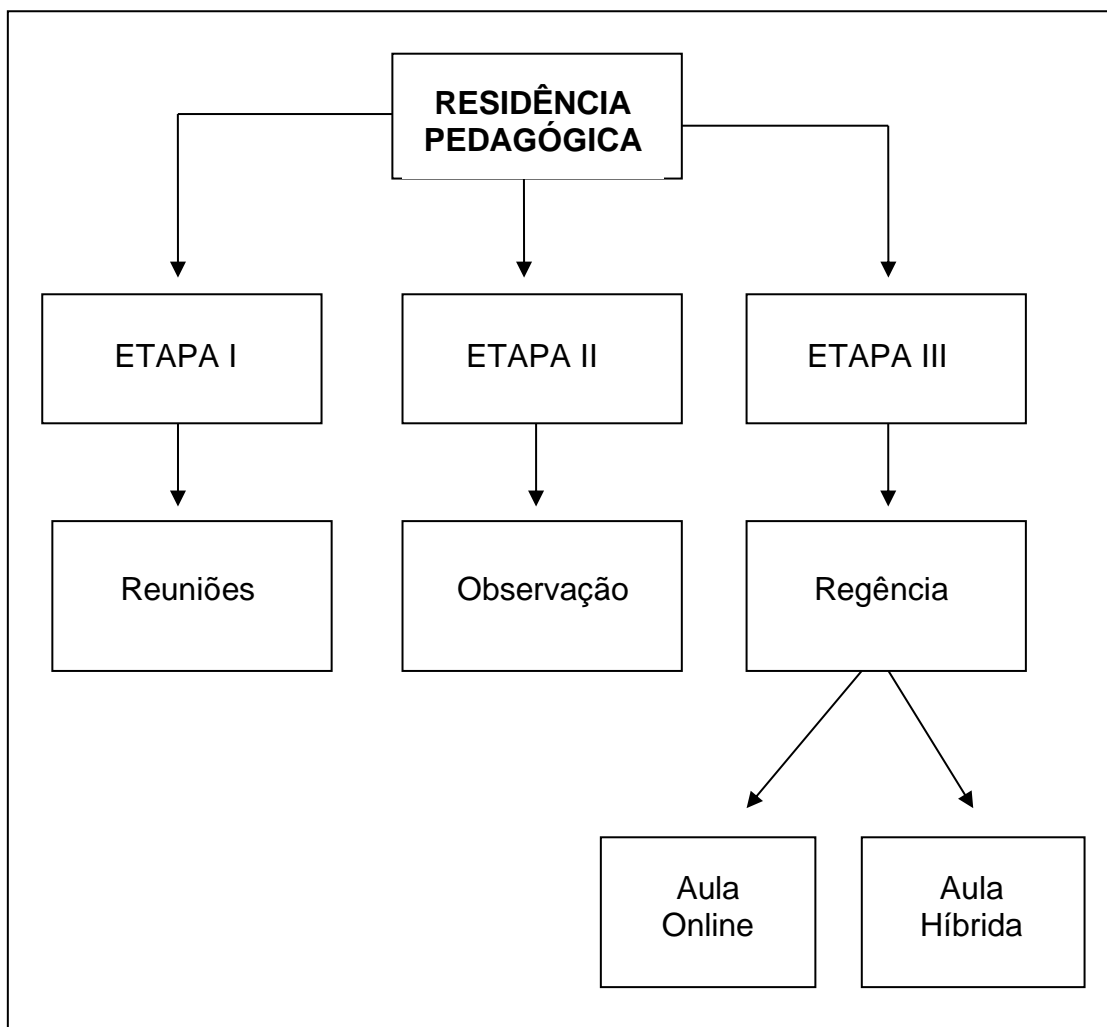
Minha atuação aconteceu no Colégio Estadual Piratini em turmas de 1º e 2º ano na cidade de Porto Alegre – Rio Grande do Sul entre outubro de 2020 e março de 2022. Eu, e mais um grupo de bolsistas residentes, estávamos locados no Subprojeto Artes, área em que os estudantes de licenciatura dos campos de conhecimento no componente Artes (BNCC, 2017), o qual inclui Visuais, Dança, Música e Teatro atuaram em conjunto com a direção da professora preceptora Adriana Annes, sendo

esta, professora de artes visuais do colégio. Dentro do RP, o professor preceptor tem por responsabilidade o planejamento, acompanhamento e orientação aos residentes nas atividades desenvolvidas no campo de atuação.

As etapas escolhidas para a análise foram (ver FIGURA 2, a seguir):

- ETAPA I: Reuniões – Observação da Base Nacional Curricular Comum - BNCC no âmbito das artes, reuniões de planejamento tanto com a professora preceptora quanto com a coordenação da residência.
- ETAPA II: Observacional – Observação das aulas ministradas pela preceptora e demais residentes.
- ETAPA III: Atuação – Atuação nas aulas. Aula on-line e Aula Híbrida

Figura 2: Etapas do relato



A etapa 1 compreende o relato e descrição das reuniões mensais com a coordenação da residência e das reuniões semanais com a professora preceptora. Durante as reuniões foram tratados diversos assuntos pertinentes ao estágio, incluindo a análise da Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2017) no âmbito das artes, além da troca de experiências, e dos debates sobre as experiências vividas no campo de atuação da escola.

Na etapa 2 – Observacional, será realizado o relato das observações em sala sobre as aulas ministradas pela professora, bem como as aulas ministradas pelos demais residentes.

Na etapa 3, a etapa de atuação consistirá no relato das atuações nas aulas. Será relatada a atuação do autor perante uma aula online e uma aula em formato híbrido (parte dos alunos e os residentes online e outra parte dos alunos e a professora no presencial).

2.1 REUNIÕES

Durante a Residência Pedagógica o trabalho foi acompanhado por reuniões periódicas que incluíam os residentes e a professora preceptora. Estas reuniões aconteciam de forma semanal com a preceptora, feitas exclusivamente em modo online utilizando plataformas de videoconferência, e tinham o objetivo de alinhar as atividades a serem desenvolvidas nas aulas bem como o conhecimento sobre a escola e a turma.

Além disso, também fazíamos reuniões mensais com a coordenadora Flavia Pilla do Vale, responsável por desenvolver os trabalhos do programa com os residentes das linguagens das artes (música, teatro, dança e artes visuais), para conhecimento dos trabalhos realizados pela RP da UFRGS/Artes nas três escolas do Programa.

Entre as reuniões ocorria um acompanhamento por meio de trocas de mensagens via e-mail que serviam para pautar as reuniões, sendo possível acompanhar o andamento do semestre.

Previamente ao início das aulas, determinaram-se as escolas em que cada residente iria atuar, a partir da escolha dos residentes, a escola em que gostariam de atuar. Entre as escolas disponíveis estavam: Centro Estadual de Formação de

Professores Instituto de Educação General Flores da Cunha, com a professora preceptora Priscila Correa, o Colégio de Aplicação da UFRGS, com a professora preceptora Mônica Bonatto, e, o Colégio Estadual Piratini com a professora preceptora Adriana Annes, colégio por mim escolhido. A escolha se deu por proximidade residencial, uma vez que não sabíamos quanto tempo a pandemia iria durar e eu já tinha participado do PIBID e fazia estágio obrigatório no Colégio de Aplicação. A ideia era encontrar novas realidades e vivências, por isso a escolha do Colégio Estadual Piratini. Após a escolha das escolas, os residentes passaram a ter reuniões semanais com a professora preceptora designada e reuniões mensais com a coordenadora.

2.1.1 Reuniões Mensais

A partir das reuniões mensais foi possível conhecer e acompanhar o trabalho desenvolvido nas outras escolas, através dos relatos e discussões das professoras e de outros colegas residentes. Sobre o cotidiano dos alunos, a inserção dos residentes nas turmas, assim como a impressão deles sobre seus contatos com as aulas.

A partir dessa inter-relação, foram desenvolvidas no decorrer das reuniões, leituras de textos e diálogos sobre a BNCC no âmbito das artes. Além disso, durante essas reuniões tínhamos a possibilidade de conversar a respeito dos desafios que encontrávamos enquanto residentes. Essas trocas de relatos e informações contribuíram para uma visão mais ampla de como o processo de ensino-aprendizagem funcionava naquele momento de pandemia em que tudo ocorria de maneira online.

Nesse sentido, foi notório observar o quão desafiador estava sendo aquele período para as professoras. Pois tiveram que adaptar em pouco tempo toda uma bagagem de docência em sala de aula física para uma virtual. Assim, todo esse universo digital passou a fazer parte do trabalho delas de forma integral. Possivelmente, a diferença de idade contribua para uma falta de intimidade com essas ferramentas.

Mas, assim como para elas o desafio das tecnologias se fez presente, para nós, residentes, a batalha de estar no papel de professor foi bem real ainda que on-line. Basicamente não conhecíamos ninguém de forma presencial e assim foi durante todo período de RP.

Compartilhar essas vivências nas reuniões despertou em mim o sentimento de partilha, pois pude perceber que não estava só e que os desafios e conquistas que me acompanhavam eram parecidos com os dos outros residentes.

2.1.2 Interdisciplinaridade

Decidiu-se pela união das linguagens das artes no programa em razão da baixa procura dos universitários pelo programa. O fato de o programa oferecer uma bolsa de incentivo não pareceu o suficiente para reverter a baixa quantidade de alunos inscritos no programa de residência pedagógica da UFRGS.

Uma consequência dessa união foi a possibilidade de observar de que modo a interdisciplinaridade e as diferentes perspectivas artísticas trouxeram pontos de vista distintos para as reuniões, pontos que complementavam os saberes e mostravam possibilidades de como cada linguagem podia construir o ensino-aprendizagem de formas inovadoras.

Enquanto estive na universidade na condição de licenciando em música, passei os semestres convivendo majoritariamente com os colegas da minha própria área, e, portanto, trocando vivências em um universo relativamente estável. Já nas reuniões do RP, pude vivenciar uma mistura de contextos relativos a essa interdisciplinaridade. Por um lado, isso possibilitou a integração de conteúdos que eram particulares de cada linguagem nos temas e assuntos a serem trabalhados no decorrer do programa.

Por outro lado, não tinha nas reuniões nenhum/a professor/a preceptor/a de música. Isso me deixou apreensivo de início, pois não sabia ao certo como seria dar aula de música sem uma orientação específica da área. Com isso, tive que construir a prática docente apenas com um colega da mesma área.

2.1.3 Reuniões Semanais

Após a determinação das escolas em que os residentes iriam atuar, iniciaram-se reuniões semanais. Nestas reuniões participavam apenas as pessoas cuja atividade ocorria em determinada escola, no meu caso, o Piratini. Nessa escola, participavam em torno de 7 residentes oriundos de diversas áreas como Teatro, Artes Visuais, Dança e Música. O número de residentes variou no decorrer do semestre

uma vez que alguns alunos pediram para sair por conta de outros estágios ou empregos.

Nas primeiras reuniões, pudemos conhecer cada novo colega residente, bem como a professora preceptora. Esta, conversou conosco a respeito da escola, tudo feito de forma on-line. Pudemos conhecer a estrutura e funcionamento da escola, corpo docente e turma em que iríamos atuar apenas por relatos dela. Durante todo o período em que participei do programa, não tive a oportunidade de conhecer pessoalmente nem a professora, nem os colegas e nem o ambiente físico da escola pois como disse antes, tudo aconteceu de forma on-line.

Além disso, a professora compartilhou conosco como foi desafiador para ela adaptar todo um contexto de trabalho presencial para ser desenvolvido mediante as tecnologias digitais e ambientes virtuais. Relatou que em poucos meses teve que aprender a mexer com os novos procedimentos digitais sem nenhum amparo da escola, secretaria e prefeitura. Esses desafios foram percebidos também na pesquisa de Rodrigues e Cuervo (2021, p. 9), “[...] Ambos agentes, discentes e docentes, assumiram uma intensa carga de novos saberes e práticas em constante transformação no campo da cultura digital”. Ou seja, diante de um contexto inédito de dificuldades decorrentes de uma pandemia mundial que afastou fisicamente todos os agentes do processo educativo, também nos deparamos com históricas demandas não atendidas de formação sobre cultura digital.

Segundo a professora preceptora Adriana Annes, a imersão ocorreu às pressas pois as aulas iriam voltar em poucos meses e de forma online. Ela relatou, ainda, que, junto com essa transição, surgiram questões pessoais referentes aos desafios trazidos pelo confinamento e pela mudança do ambiente escolar para a sua própria casa. Agora, ela lidava com vários afazeres ao mesmo tempo, como dar aula e cuidar da filha, preparar o almoço e cuidar da casa. Essa realidade também foi discutida por Arruda (2020):

A singularidade da pandemia deve levar também à uma compreensão de que a educação remota não se restringe à existência ou não de acesso tecnológico, mas precisa envolver a complexidade representada por docentes confinados, que possuem famílias e que também se encontram em condições de fragilidades em suas atividades. O ineditismo leva a ações que precisam envolver toda a complexidade da qual faz parte. (ARRUDA, 2020, p. 266).

À medida em que as reuniões transcorriam, nós residentes junto com a professora preceptora discutíamos a respeito de como o ensino-aprendizagem ocorria nas aulas da turma que estávamos envolvidos. Cada fala dentro destas reuniões contemplava desde as nossas primeiras impressões como residentes sobre nossa inserção no espaço de aula até as vivências de ensino-aprendizagem que surgiam.

Outro ponto negativo nesse formato de interdisciplinaridade é que devido à quantidade de residentes no nosso grupo, a observação se tornou um processo maior do que a atuação. Em decorrência do fator quantitativo do grupo, não foi possível receber uma atenção individualizada na formação, ou discutir em profundidade as especificidades das áreas do componente Arte.

2.2 OBSERVAÇÃO

Parte do trabalho constituiu na observação das aulas ministrada pela professora preceptora. Durante as observações fui percebendo que uma dificuldade surgiu para mim, acompanhar o desenvolvimento das atividades diante da formação da professora preceptora, a qual tinha formação em artes visuais, e as atividades e proposições giravam em torno dessa linguagem.

Isso acabou se constituindo um desafio para mim, visto que, não teria nenhuma referência e acompanhamento de um professor da minha área, a música, para me auxiliar. Trazendo um exemplo, em uma das montagens de escala de aulas dos residentes, a professora me trouxe a proposta de construir uma aula de acordo com um tema geral escolhido por ela. O tema não fornecia, a princípio, diretrizes em relação a como eu poderia trabalhá-lo em relação à música já que, segundo ela, a linguagem musical constituía um universo que ela desconhecia.

Procurei conversar mais com ela sobre como o assunto poderia se relacionar com os alunos e assim, entender o propósito da aula e conseguir construir a minha aula. De qualquer forma, as diferentes áreas na RP (dança, artes visuais, teatro) se colocavam como uma dificuldade para mim.

Com o passar do tempo, a medida em que fui convivendo e conhecendo mais a professora preceptora e colegas residentes, pude compreender e visualizar de que maneiras a interdisciplinaridade contribui para um olhar mais amplo no processo de ensino-aprendizagem, refletindo ainda como essas relações entre as linguagens das

artes contribuem para criação de novos aprendizados na sala de aula. Sobre isso, Hahn e Centenaro (2019, p.218) afirmam que:

[...] a interdisciplinaridade não se resume apenas a uma ponte entre saberes como comumente é acatada. Não é uma questão de deslocamento, mas de vinculação, de atitude, de um olhar cruzado entre o que se sabe e o que se pode aprender com outros sujeitos e outros saberes.

Para mim, a questão da linguagem foi no mínimo curiosa, pois passei os últimos 3 anos e meio convivendo com uma linguagem mais formal dentro da universidade. Agora, naquele momento, me deparo com uma professora utilizando de formas coloquiais para se comunicar com a classe. Pude observar que isso realmente contribuía para a relação entre eles, professor-aluno, tanto nas aulas online como híbridas.

Em relação a esta questão, a professora, ao analisar nossa atuação como docentes, detectou que os alunos sentiam dificuldades em entender algumas palavras que utilizávamos. Constantemente nos orientava a utilizar palavras tecnicamente menos específicas nas aulas. Isso também se constituiu um desafio para mim, pois como disse, nos últimos 3 anos vivenciei uma forma de falar diferente do que estava me deparando naquele momento. Não era normal para mim ter que de repente adaptar a forma como eu falava para que a turma pudesse me entender. Me senti tendo que entrar no universo deles para poder me fazer entender.

Outra característica marcante foi a exploração de imagens, que tinham como foco instigar a observação dos alunos. Constantemente, ela incentivava-os e dizerem o que enxergavam ao ver as imagens, estimulando a observação de detalhes e ampliando a participação da classe. O retorno não era imediato e, quando acontecia, ocorria de forma gradual. Eles demoravam a responder, e quando o faziam, eram poucos.

No decorrer da aula, a maioria dos alunos ia se sentindo parte daquele processo e acabavam contribuindo com suas falas. A cada participação dos alunos, a professora dava continuidade em suas falas, gerava uma conversa em que eles pudessem se sentir incluídos no assunto.

Foi enriquecedor apreciar as criações de materiais didáticos construídos pelos alunos da escola, bem como a dedicação por parte da professora de fazer o assunto mencionado se relacionar com a vivência dos alunos. Sempre nas aulas, ela procurava usar uma linguagem que era de costume da sua turma.

Por conhecer a turma, a professora procurava também manter o controle dos alunos pois, em alguns momentos, percebia-se que a professora parava a aula para chamar atenção quando eles se dispersavam em conversas aleatórias e perdiam o foco da aula, atrasando o desenvolvimento das propostas didáticas. Vez ou outra, ela conversava sério com eles.

Era perceptível que os alunos também conheciam a professora e, dessa forma, correspondiam de acordo com o que vivenciavam também. Eles sabiam que ela os tratava bem e que, ao mesmo tempo, os repreendia quando era necessário. Percebia-se os limites entre os dois lados e como isso se repercutia na aula.

Essas relações delineavam cada passo, cada minuto da aula, tanto no formato online como presencial, e através disto percebi o quanto a turma avançava nas propostas didáticas, assim como as estratégias da professora para desenvolvê-los.

É possível dizer que o processo de observação das aulas, mesmo realizado via ambiente virtual, me aproximou da realidade da comunidade escolar, ou pelo menos deu indícios de uma conexão maior com a prática pedagógica. Também é possível dizer que, o fato de não ter Educação Musical em incentivo algum por parte da escola, me causou um impacto negativo que se refletiu na minha atuação como residente.

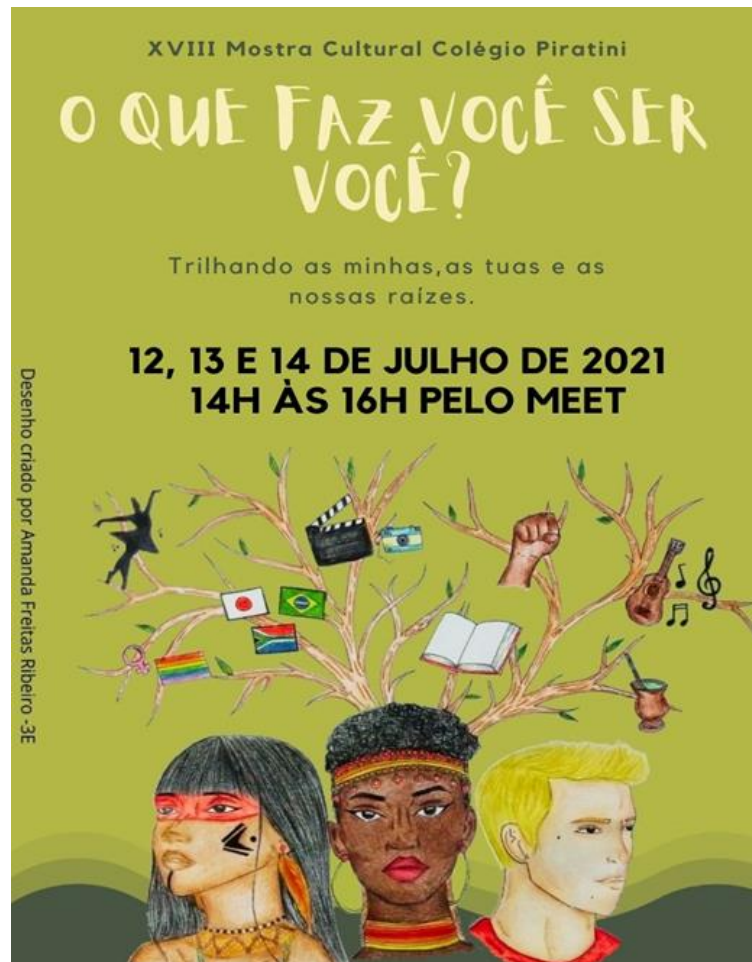
2.2.1 Mostra Cultural

Durante o período da RP, tive a oportunidade de participar da mostra cultural promovida pelo colégio Piratini. Essa mostra ocorre todo ano e possibilita a produção de um espaço em que os alunos podem expor suas criações artísticas. É um evento direcionado ao público do próprio colégio, sendo esperado com grandes expectativas por todos. No ano de 2021, o evento entrava na sua décima oitava edição e desta vez de forma inédita, pois seria a primeira vez que o aconteceria totalmente online devido a pandemia. Agora, o pátio da escola que sediava as produções, dá espaço para o ambiente virtual. Dessa vez, não haveria decorações nem estrutura de som, e todas as apresentações seriam gravadas para serem apresentadas em vídeo para o público da escola. Eles teriam que fazer suas produções utilizando de quaisquer recursos digitais que quisessem, gerando o produto final na forma de áudio e vídeo. Com esse produto pronto, teriam de carregá-lo em seus próprios canais no site *YouTube*, deixando o vídeo como “não listado”, para que apenas fosse liberado sua visualização no dia do evento. O link do vídeo teria de ser passado com antecedência aos

professores para que esses pudessem analisar o material e autorizar a exibição na mostra.

O tema do evento estava intitulado como: “O que faz você ser você? Trilhando as minhas, as tuas, e as nossas raízes”. No folder de divulgação (FIGURA 3), foi utilizado um desenho, no centro da arte, produzido por uma aluna da própria escola.

Figura 3: Banner da XVIII Mostra Cultural Colégio Piratini



Fonte: Material de Divulgação do Evento, 2021

No período que antecedia ao evento, os professores ajudavam os alunos da forma como podiam, para que eles pudessem criar seus materiais. Nesse processo, nossa professora preceptora nos estimulou, como residentes, a ajudá-la no despertar da criatividade deles. Da minha parte junto com meu colega residente de música, nos foi proposto construir uma aula que contemplasse as músicas tradicionais folclóricas do país, abordando suas origens, remetendo assim a proposta da Amostra que versava sobre as nossas Raízes

Esse Tema soou de forma no mínimo interessante para nós dois. Isso pelo fato de não termos nossa origem na região sul. Eu venho do Norte e meu colega do centro-oeste, carregamos conosco os traços culturais desses lugares, e ao chegarmos aqui, conhecemos traços culturais novos que não eram de nosso costume.

Com isso, apreciamos novas formas de fazer música. Tínhamos assim a oportunidade de construir em aula um diálogo novo para, talvez, quase toda a turma. Possuíamos vivências musicais que possivelmente soariam novas para os alunos, algo diferente de seus costumes, mostrando a diversidade musical existente dentro de um país tão grande.

2.2.2 Realização da Amostra Cultural

O evento aconteceu em sala virtual pela plataforma de videoconferência *Google Meet*. Nela, estavam alunos, professores, diretor e outros funcionários da escola. Visualizando a sala, observei em uma tela de computador vários quadrados que correspondiam às pessoas presentes, todas com câmeras desligadas, menos os professores.

Uma professora foi a mediadora, esta comentou sobre como as apresentações iriam funcionar. Uma sequência de alunos foi criada, cada um que apresentasse iria começar se apresentando e logo após a professora exibiria o vídeo gravado por ele.

Pude notar a dedicação e o domínio em cada detalhe de suas gravações, é uma geração já acostumada com tecnologia.

As apresentações foram diversas, teve música, poema, relatos, etc. Pude observar que quase todas as produções foram de fato criação dos alunos, menos na área da música onde as interpretações foram poucas e focaram na música clássica, tendo como instrumento o piano.

Apontando alguns exemplos de suas produções, pude ver o vídeo de uma aluna negra falando de suas origens africanas. O que me chamou atenção foi o fato dela utilizar seu cabelo para dar o seu relato. Procurando falar sobre o padrão estético que a sondava, mencionava por várias vezes o desejo de mudar a forma que seu cabelo tinha e que ao se valorizar, decidiu aceitar o seu próprio formato. Segundo ela, em cada fio existe uma origem que não pode ser negada, mas sim, aceita e com orgulho. Falou com isso sobre encarar os preconceitos das outras pessoas com a sua imagem pessoal, que mesmo estando em meio a um contexto que não a valorizava

muito por conta da sua cor, devia levantar a cabeça, olhar para toda história que a sua família carrega desde início e como chegaram até aqui. Para ela, uma adolescente vivendo em meio a tantas diferenças sociais, devia carregar com orgulho suas origens, seja em sua roupa ou no que acreditava.

Em outro vídeo assistido, uma aluna fez uma interpretação de música clássica. Antes de tocar, mencionou que a prática musical era algo que já percorria gerações anteriores de sua família. Tendo feito sua gravação na sala de casa, mostrou um piano em que, segundo ela, a mãe e a avó tiveram sua iniciação musical. Falou sobre a alegria e o gosto de tocar um estilo musical que não é tão apreciado no meio social em que vive.

Seguindo a apreciação dos vídeos, uma aluna declamou uma poesia de autoria própria. Segundo ela, a timidez não pode calar os seus versos. Ao ouvir sua obra, fiquei impressionado com o jogo de palavras e suas construções. O texto falava sobre a sua relação com o amor e a paixão, se colocando como primeira pessoa e falando ao outro sobre seus desejos e atrações.

2.3 ATUAÇÃO

A repartição das datas para que cada residente ministrasse as aulas era feito nas reuniões semanais junto com a preceptora. Ao mesmo tempo que nos organizávamos agendando essas datas, acompanhávamos o avanço das vacinas disponibilizadas pelo governo. Elas eram disponibilizadas à população para imunização contra o vírus e ocorria de acordo com a faixa etária, dos mais idosos somado com comorbidades até alcançar os mais novos. Esse avanço das vacinas distribuído por faixa etária influenciava todo nosso agendamento. Se as vacinas chegassem na idade dos alunos da turma em que atuamos, as aulas poderiam migrar para o modo presencial. Isso implicaria em modificações na construção das aulas. Mesmo sem a certeza de que esse retorno pudesse acontecer, nos sentíamos na necessidade de tentar prever essas situações.

2.3.1.1 Preparo da aula

Nesta parte do relato irei descrever a preparação da aula online que ministrei conjuntamente com meu colega residente Francis Padilla, também da área de música. A aula que foi sugerida pela professora consistia em contemplar a diversidade musical

existente nas diversas regiões do país bem como as suas origens, contribuindo assim para uma mostra de possibilidades para criação artística assim como o estímulo à criatividade dos alunos.

Inicialmente, nos dedicamos à preparação dos materiais didáticos cuja função seria apoiar a aula. A construção do material foi realizada no software *Power Point* que é um programa utilizado para criação/edição e exibição de apresentações gráficas. Esse material consistia em slides hipermediáticos que incluíam textos, imagens e links (ver esboço da aula no Anexo I).

Procuramos explicar, em imagens, como as músicas regionais carregam uma cultura exposta não apenas nas músicas, mas também nos ambientes onde as festas folclóricas acontecem, assim como nos figurinos e danças. Também utilizamos vídeos hiperlinkados de tais práticas musicais para apreciação em aula. A proposta dessa aula possibilitou a mim e a meu colega residente expormos um pouco de nossas raízes culturais, já que nenhum de nós nasceu e viveu no Sul e sim no Norte e Centro-Oeste do país.

2.3.1.2 Aplicação da aula online

O dia da nossa atuação como docente chegou, e, por questão de segurança, eu e meu colega nos ligamos por vídeo chamada momentos antes da aula para conferirmos a qualidade da internet e definirmos nossas falas. Nosso preparo naquele momento constituiu-se de uma conversa, na qual repassamos informações que já havíamos explorado no período de construção do material. Com tudo pronto, nos despedimos, desligamos a chamada e esperamos a professora abrir a sala online para entrada dos alunos e colegas residentes.

Ao entrar na sala online, me deparei com a imagem no computador de vários quadrados representando pessoas. A plataforma não consegue mostrar todos ao mesmo tempo, por isso, conseguimos ver apenas alguns quadrados.

Todos os alunos entram com a câmera desligada e permanecem assim até o fim da aula. Isso me chamou atenção pois nunca vi o rosto dos alunos daquela turma em todo o período em que atuei como residente. Quando entrei para o programa as escolas já tinham fechado seus espaços físicos por conta da pandemia e por isso, não tive a oportunidade de conhecê-los.

A professora deu início à aula e logo nos deixou à vontade para continuar. Tivemos alguns problemas logo de entrada ao tentar reproduzir o PPT, minha internet começou a mostrar sinais de falha. Logo, meu colega socorreu e ficou no comando passando os slides do seu computador.

Ao falarmos, não encontramos ninguém conversando ou, sequer, comentando a respeito da aula. As interações começaram quando apresentamos um link de uma banda famosa da própria região, nas reações vistas por mensagens no *chat*, alguns poucos alunos comentaram que conheciam as músicas desse conjunto e que achavam legal.

Logo a interação tornou a desaparecer no decorrer da aula. À medida que dávamos a aula, percebi que eu e meu colega íamos nos ajustando quanto ao momento da fala de cada um. De início, a tensão era o que eu tinha em mente, mas, ao passar do tempo e mudando os slides, ia me acalmando e conseguindo explicar melhor o assunto.

Foi perceptível a tensão gerada pela situação, em função do medo de falar alguma coisa errada, de ter produzido muitos ou poucos slides, se nossas falas iriam se ajustar exatamente no tempo proposto de aula, se teríamos interação suficiente por parte dos alunos. Essa última, principalmente, pois jamais tivemos contato direto com os alunos, nunca nos vimos nem nos falamos, nunca pude ver suas relações e reações ao vivo em uma aula, isso gerou em mim uma certa apreensão.

Ao mesmo tempo em que tendo essa vivência totalmente limitada ao meio digital, eu percebi algumas vantagens, como praticar o manuseio de ferramentas digitais que se tornam aliadas na exposição dos conteúdos e, não forçar a voz diante de outras vozes disputando espaço de sala, já que ali não se ouvia ninguém, pois nenhum aluno quis abrir o microfone, além da possibilidade de realizar as atividades de forma remota, sem deslocamento para a região geográfica da escola.

Ainda assim me pergunto: como foi a aula para eles? Será que realmente assistiram? Como deveriam estar de saúde, tanto física quanto mental para assistir uma aula depois de certos meses de isolamento. Essas perguntas não tiveram a possibilidade de serem exploradas. O tempo passava e só tínhamos aquela aula para dar. Ao terminarmos, deixamos aberto para que qualquer um deles pudessem falar algo da aula, tirar alguma dúvida, se assim quisessem. Alguns microfones nesse momento são ligados e ouvi vozes de alunos parabenizando a aula, que gostaram do

conteúdo, além dos elogios feitos pelo chat, fato que, pelo menos momentaneamente, acalmou nossos ânimos e reduziu o nível de ansiedade.

2.3.2 Período Híbrido

Os meses foram se passando e chegamos em um momento diferente da pandemia, mais especificamente no mês de outubro de 2021. Agora, um novo desafio havia surgido, o Estado lançou decreto de retorno às aulas presenciais nas escolas, salvo para aqueles que estavam em quarentena por contágio ou com familiares em situação de risco.

Outro fato se somou a esses desafios, foi a situação de que nós, residentes, não estávamos autorizados pela UFRGS a comparecer na escola uma vez que o ERE estava vigente na universidade. Assim, considerando as aulas presenciais, os alunos e os residentes que ainda estavam online, as aulas regidas pelo nosso grupo migraram para o modo híbrido. Neste cenário tínhamos a professora e alguns alunos no presencial no espaço físico de sala de aula, além dos outros que estavam no online como os residentes.

Nessa etapa, pudemos observar os desafios que surgiram para nossa professora preceptora, pois agora, em todas as aulas, a sala de aula teria de estar equipada com recursos mínimos (imagem e som) para que tanto os alunos presentes quanto os que estavam assistindo em casa pudessem acompanhar as aulas com um mínimo de qualidade possível.

Não havia na escola nenhum profissional da área de computação que pudesse auxiliar na montagem da estrutura. Isso colaborou para que, em algumas aulas, se consumisse um certo tempo para esse preparo da estrutura por parte da própria professora.

Com isso, experienciamos, diferentemente da professora, dar aula de dentro de casa para os alunos que se encontravam na escola e aqueles que estavam presentes em modo remoto. A interação entre nós, residentes que ministramos a aula e os alunos nos dois modos (presencial e remoto), começou a encontrar dificuldades. Em alguns momentos, era difícil dar atenção às dúvidas que surgiam após alguma explicação nossa. Certa vez, um aluno do modo remoto questionou uma das aulas de um amigo residente, relatando que sua aula estava mais voltada para os alunos no

modo presencial, pois em nenhum momento interagiu com aqueles presentes no modo remoto.

Não era fácil para nós residentes assimilarmos uma aula com um mesmo público de alunos assistindo em modos diferentes. Ao experienciar esse formato, pude perceber que o assunto desenvolvido naquele momento de aula não alcançava plenamente seu objetivo real. Os alunos também perceberam tal constatação e começaram a questionar o formato de aula.

Além disso, a baixa qualidade da internet criou situações como aulas dos residentes interrompidas, ou, a fala dos residentes não chegava de forma integral aos ouvintes presentes na sala, gerando em todos, alunos, professora e residentes, um certo desgaste para manter as aulas. As reclamações dos alunos que estavam presentes começaram a ser intensas e eram dirigidas de forma verbal à professora. Eles reclamavam sobre a saída deles de casa para não terem aula online e dentro da sala de aula retornavam para a mesma situação que enfrentavam em casa antes. A professora levava essas informações para nossas reuniões com o intuito de buscar uma solução junto a nós.

Ao mesmo tempo, procurávamos como residentes, nos ajudar mesmo que distantes uns dos outros, ministrando as aulas quando eventualmente algum colega tinha problemas com conexão, além do auxílio da professora preceptora que com paciência procurava sanar os problemas que surgiam. Sempre focada em cobrir seus residentes complementando nossas falas quando alguma coisa dava errado, e gerenciando a turma de alunos para que não tivessem perdas na qualidade das aulas.

2.3.2.1 Preparo da Aula Híbrida

Dentro desse contexto, meu relato descreve a aula que dei junto com meu colega residente, Francis Padilha, a respeito do tema sugerido pela professora. O tema proposto foi o período do Renascimento e entrada do período Barroco, logo, nos dedicamos a preparar materiais e assim falamos sobre a música daquela época.

A construção do material foi realizada utilizando Power Point, contendo imagens, textos e links para melhor detalhamento do assunto. Como estratégia fundamental do nosso trabalho, procuramos relacionar questões musicais ao conhecimento e vivência pessoal dos alunos. Essa estratégia visava aumentar o engajamento desses alunos com o assunto em pauta. O Anexo II apresenta o esboço do material da aula.

Para exemplificar melhor essa relação, cito um fragmento do material didático que construímos, onde utilizamos uma imagem com pessoas cantando ao mesmo tempo em um palco de algum show. Na imagem, existem dois homens e duas mulheres, cada um com um microfone, supostamente cantando juntos. Trata-se de uma imagem de uma atividade musical atual, e podemos vê-la ao assistir eventos musicais em plataformas de vídeos como *YouTube*, *Instagram*, etc.

Considerando ser comum encontrarmos nessas práticas musicais a divisão vocal, nossa estratégia foi relacionar a expansão dessa prática nos períodos do Renascimento/Barroco com a contemporaneidade.

2.3.2.2 Aula Híbrida

Assim como na aula remota, eu e meu colega nos reunimos minutos antes através de plataforma de videoconferência para conferirmos a apresentação do material, qualidade da internet e ensaio das nossas falas. Tudo revisado, entramos na sala virtual. Não tínhamos a imagem dos alunos em sala, pois o computador ficava virado para a professora, assim, ela conseguia observar, coordenar e auxiliar nós residentes e os alunos que estavam online. Para os que estavam na sala, um Datashow ampliava a imagem do computador mostrando aqueles que virtualmente estavam na aula, incluindo nós, os residentes.

No desenvolvimento da aula, eu e meu colega não tínhamos a percepção de como a turma recebia a aula pois não podíamos vê-los nem os ouvir. Isso nos deixou um pouco inseguros, temendo a falta de interação entre o conteúdo apresentado e os alunos. A única referência que nos apontava a forma como a turma recebia a aula era a reação da professora (sendo o rosto dela a única imagem que tínhamos), percebíamos que em alguns momentos ela sorria olhando para a turma, isso nos dava um indicativo de que tudo poderia estar indo bem.

Perto do final da aula, meu colega cantou um trecho de uma música da época do Renascimento para que os alunos tivessem uma apreciação musical além dos links mostrados.

Ao final do canto um silêncio pairou na aula, ficamos apreensivos no primeiro momento, porém, percebemos que um leve sorriso foi se formando no rosto da professora que olhava para a sala. Não entendemos o que estava acontecendo até que a professora abre o seu áudio e pudemos ouvir sons que pareciam aplausos.

Os alunos haviam gostado da aula, principalmente por ter terminado com uma apresentação musical vinda dos residentes. Segundo relato da professora, outros professores saíram de suas salas para ouvir mais de perto o som da voz cantando que saía da caixa de som dentro da sala. Nos sentimos honrados e felizes com a repercussão da aula e percebemos que o objetivo foi alcançado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho foi estabelecer reflexões a respeito das experiências do autor durante sua atuação no Programa de Residência Pedagógica da UFRGS. Assim, foi possível dialogar e refletir sobre os desafios encontrados na participação do programa frente ao contexto da pandemia, construir caminhos para possíveis diálogos sobre a relação ensino-aprendizagem e as tecnologias, além de identificar os desafios e as peculiaridades concernentes a sala de aula e a tecnologia em tempos de incertezas.

A adaptação integral aos meios digitais exigida pela pandemia expôs desafios como a instabilidade da internet, o domínio das ferramentas digitais, as incertezas quanto a presença integral dos alunos em aula, além da construção de novas formas de ensino gerenciadas pelas práticas docentes. Essa adaptação também trouxe avanços significativos quanto a processos criativos na construção de materiais didáticos, assim como foi possível observar de que modo as experiências musicais fomentaram as relações entre professor/aluno e diminuíram o impacto da distância física entre os sujeitos presentes da aula.

Considerando os desafios enfrentados nas aulas, em tempo de pandemia, pudemos constatar que as habilidades adquiridas na área de tecnologias se impuseram de maneira obrigatória. Mesmo antes da pandemia, estas habilidades tecnológicas já estavam inseridas e existiam indícios que apontavam em direção à sua importância cada vez maior no cotidiano escolar. Toda concepção de dar aulas adquiridas antes da pandemia recebeu um novo significado, o de que o avanço das tecnologias é algo inevitável e que professores precisam estar imersos nesse contexto. Para isso, é necessário a instituição de políticas públicas que fomentem essas questões e um olhar especial das autoridades quanto ao preparo dos espaços escolares no que diz respeito a relação com essas novas práticas, além da capacitação dos docentes.

A experiência vivida e apresentada neste relato fortalece a necessidade de, como futuro docente, estar pronto para situações que vão além de uma organização didática, instigando a construção de habilidades não adquiridas como aluno universitário e vividas apenas em sala de aula. Habilidades essas que inclusive podem estar no próprio convívio dentre os alunos.

Durante as reuniões com a professora coordenadora foi possível conhecer um pouco das realidades, estrutura e demandas de cada uma das escolas, além de compartilhar com os demais residentes sobre o que ia sendo desenvolvido.

As reuniões com a professora preceptora estavam relacionadas com as aulas que aconteciam na escola atuante, onde, como residente, pude observar a professora e colegas residentes em suas atuações como docentes, assim como pude atuar como tal. As questões trazidas no contexto da escola tinham relação com o desenvolvimento dos assuntos trabalhados no período letivo pertinente com as turmas acompanhadas, além de explorar questões de relacionamento entre professor e aluno dentro do processo de ensino-aprendizagem, feitas em um ambiente primeiramente digital e, depois no modelo híbrido.

Foi possível presenciar e vivenciar variadas situações e dificuldades que surgiam na sala de aula, como, por exemplo, problemas de conexão com a internet tanto por parte da professora, quanto de alunos da escola e residentes; a forma de interação dos alunos tanto em relação ao assunto exposto quanto em relação a outras pessoas presentes nas aulas; a criatividade na confecção das atividades propostas por professora e residentes, realizados nos meios digitais; dúvidas quanto a ausência ou não de alunos que aparentemente estavam presentes nas aulas; construção das aulas e confecção de materiais didáticos feitos e apresentados em computadores e dispositivos eletrônicos, além das relações desenvolvidas dentro do espaço escolar e sua relevância no processo de ensino-aprendizagem.

O vínculo entre professores, alunos e colegas de profissão tem sua importância fundamentada nas práticas docentes. Dentro das aulas mencionadas e tantas outras vividas como residente, foi claro visualizar e vislumbrar a potência que essas relações geraram nos saberes de cada um.

As aulas ministradas como regente, tanto a remota quanto a híbrida, proporcionaram-me uma vivência diferente, uma compreensão de novas práticas educacionais no ensino da música dentro da educação básica. A experiência musical, descrita no relato final da aula híbrida, possibilitou-me enxergar como a música consegue transformar o espaço onde ela se encontra, sendo online ou não. Ela consegue conectar e contribui para o relacionamento professor e aluno.

Ao olhar na linha do tempo, encontraram-se as novas possibilidades que surgiram em situações instáveis e que promoveram formas inovadoras no ensino-aprendizagem, e estar aberto para essas mudanças é estar apto para adaptações.

Acredita-se que esse relato de experiência poderá colaborar com outros profissionais da educação na percepção do movimento educativo e social, além de trazer possíveis subsídios para produção de conhecimento em meio às incertezas.

REFERÊNCIAS

AMORIM, C. M. S. A importância do programa residência pedagógica na perspectiva do professor preceptor. **Revista Prática de Linguagem**, v. 10, n. 1, p. 51-57, 2020.

ARRUDA, E. P. Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede-Revista de Educação a Distância**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.

BARCELOS DOS SANTOS, E.; MARTINS, M.; SILVEIRA RAMOS, M.; NETO, H.; MAZOCCO PANIZ, C. A importância do Programa de Residência Pedagógica na formação de professores no Instituto Federal Farroupilha, Campus São Vicente do Sul. **Revista Insignare Scientia - RIS**, v. 3, n. 1, p. 42-56, 2020.

BARROS, M. H. F. Educação musical, tecnologias e pandemia: reflexões e sugestões para o ensino remoto emergencial de música. **Ouvirouver**, Uberlândia v. 16, n. 1, p. 292-304, 2020.

BEINEKE, V. Aprendizagem musical criativa em tempos de pandemia: (re)compondo perspectivas e (im)possibilidades. **ORFEU**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 30-47, 2021.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Portaria Gab nº 38, de 28 de Fevereiro de 2018. **Institui o Programa de Residência Pedagógica**. 2018. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/28022018-portaria-n-38-institui-rp-pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Portaria Gab nº 259, de 17 de Dezembro de 2019. **Dispõe sobre o regulamento do Programa de Residência Pedagógica e do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)**. 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/19122019-portaria-259-regulamento-pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

CASTRO, K. S.; LOPES, C. L. S.; SILVA, W. M.; SOARES, K. S. A.; NUNES, A. N. R.; CASTRO, I. F. A. Residência Pedagógica e a formação docente em tempos de pandemia: desafios e perspectivas dos licenciandos. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 13, 2021.

CUERVO, L.; SANTIAGO, P. R. B. Percepções do impacto da pandemia no meio acadêmico da música: um ensaio aberto sobre temporalidades e musicalidades. **Revista Música (ONLINE)**, v. 20, p. 357-378, 2020.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 nov. 2021.

DIAS CAETANO, L. M. Tecnologia e Educação: quais os desafios? **Educação. Revista do Centro de Educação**, v. 40, n. 2, p. 295- 309, 2015

DUARTE, A. W. B.; HYPOLITO, A. M. Docência em tempos de Covid-19: uma análise das condições de trabalho em meio a pandemia. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 30, p. 736-753, set./dez. 2020.

FREITAS, M. C.; FREITAS B. M.; ALMEIDA, D. M. Residência pedagógica e sua contribuição na formação docente. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p.1-12, 2020.

GESTRADO. Grupo de Estudos Sobre Política Educacional e Trabalho Docente. **Trabalho Docente em Tempos de Pandemia: Relatório Técnico**. Belo Horizonte: UFMG, 2020a.

GESTRADO. Grupo de Estudos Sobre Política Educacional e Trabalho Docente. **Docência na Educação Básica privada em tempos de pandemia: Relatório Técnico**. Belo Horizonte: UFMG, 2020b.

GESTRADO. Grupo de Estudos Sobre Política Educacional e Trabalho Docente. **Resumo técnico da pesquisa trabalho docente em tempos de pandemia**. Belo Horizonte: UFMG, 2020c.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

HAHN, A. J.; CENTENARO, J. B. Interdisciplinaridade e formação docente. **Filos. e Educ.**, Campinas, SP, v.11, n.1, p.218-229, 2019

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Divulgados dados sobre impacto da pandemia na educação**, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/divulgados-dados-sobre-impacto-da-pandemia-na-educacao>>. Acesso em: 05/11/2021.

JARDILINO, J. R. L.; SILVA, M. D.; ANA MARIA MENDES SAMPAIO, A. M. M.; MATIAS, B. H. Condições Educacionais E a Exclusão Digital Na Pandemia - 2020-2021: O Caso Da Educação Pública Na Região Dos Inconfidentes, MG. **Educação Temática Digital** v. 24, n. 1, p. 91-112, 2022.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

LARA, R. C. Ubiquidade e crise pandêmica: O que há de novo no trabalho em educação? **Em Tese**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 24-43, jul./dez., 2020.

OGIBOWSKI, B. R.; MATEIRO, T. A. N. Ensino remoto de música durante 2020: docência e letramento digital de dois professores. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 16, p. 01-22, out. 2021.

OLIVEIRA, D. A.; PEREIRA JUNIOR, E. Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 30, p. 719-735, set./dez. 2020.

OLIVEIRA, H. V.; SOUZA, F. S. Do conteúdo programático ao sistema de avaliação: reflexões educacionais em tempos de pandemia (COVID-19). **Boletim de Conjuntura-BOCA**. ano II, vol. 2, n. 5, Boa Vista, 2020.

OPAS - ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Histórico da pandemia de COVID-19**, 2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em: 05 de novembro de 2021.

ROCHA, F. S. M.; LOSS, T.; ALMEIDA, B. L. C.; MOTTA, M. S.; KALINKE, M. A. O uso de tecnologias digitais no processo de ensino durante a pandemia da COVID-19. **Interacções**, v. 16, n. 55, p. 58-82, 2020.

RODRIGUES, André de Cillo, CUERVO, Luciane da Costa. **Desafios da Docência no Ensino Remoto Emergencial de Música**: reflexões e práticas na cultura digital. In: Anais do congresso internacional Pedagogia 2021, Havana, Cuba, 2021. ISBN.: 978-959-18-1315-2. Disponível em: <https://www.pedagogiacuba.com/simposio/desafios-de-la-formacion-inicial-y-permanente-de-docentes-para-el-desarrollo-sostenible-retos-de-la-educacion-superior-ante-la-agenda-2030/>.

ANEXO I

Tópicos abordados na Aula Online

MÚSICAS REGIONAIS E TRADICIONAIS

Quais as minhas origens?

Gaúcha tradicionalista?

Grupo Os Monarcas – Música sistema antigo

Graforreia Xilarmônica – Vitor Ramil - Amigo Punk

Imigrante Português? Lenda do Bumba meu Boi – Fado

Afro descendente? - Grupo Olodum

Roda de samba – Musica de culto

Italiana ou Alemã?

Festas tradicionais – OktoberFest – Congada

Festas tradicionais – Carnaval – Festa Junina

Rock – Rap - Samba – Sertanejo

Rap - MC Anaranda - Qual a minha origem? com o quê eu me identifico? Que música me representa? que música fala por mim?

ANEXO II

Tópicos abordados na Aula Híbrida

MÚSICA NO RENASCIMENTO E ENTRADA DO BARROCO

História da Música

Localização Geográfica – Europa

O QUE ESTAVA ACONTECENDO? - IDADE MÉDIA: **O HOMEM É FILHO DE DEUS!!!** (FÉ)

O QUE ESTAVA ACONTECENDO? - RENASCIMENTO: **O HOMEM É FILHO DE DEUS???** (RAZÃO)

- PRINCIPAL NOME - Giovanni Pierluigi da Palestrina

INSTRUMENTO – Alaúde

- Características da música no renascimento
 - **POLIFONIA** (outras vozes funcionando dentro da música)
 - **INSTRUMENTAL COMO ACOMPANHAMENTO DA VOZ CANTADA**
 - **INTRODUÇÃO DAS VOZES FEMINIAS**
 - **MÚSICA SACRA** (maioria), **MÚSICA PROFANA** (minoria)
 - **COMEÇA O PULSO** (tempo dentro da música)
 - **MÚSICA TONAL**

Invenção da Imprensa – Menor custo de impressão e maior alcance geográfico. Prensa de Gutemberg – Partituras.

O QUE ESTAVA ACONTECENDO? - BARROCO: **NÃO SEI MAIS QUEM EU SOU** (ENTRE A FÉ E A RAZÃO)

Principal Nome - Johann Sebastian Bach

Instrumento – Cravo

Características da música no BARROCO

- **TENSÃO**
- **MUITO ORNAMENTO**
- **MÚSICA INSTRUMENTAL** (agora não só acompanhando vocal mas também sendo voz principal na música)
- **EXPRESSIVIDADE**
- **EMOÇÃO**
- **REGENTE**

- **ÓPERA**

Orquestra Barroca

CIP - Catalogação na Publicação

Saraiva, Saulo Bentes

Reflexões de um licenciando em música do programa
residência pedagógica: um relato de experiência em
tempos de pandemia. / Saulo Bentes Saraiva. -- 2022.
43 f.

Orientador: André de Cillo Rodrigues.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Música, Porto Alegre, BR-RS,
2022.

1. Residência Pedagógica. 2. Pandemia. 3. Relato de
Experiência. 4. Educação Musical. I. Rodrigues, André
de Cillo, orient. II. Título.